

TRADUÇÃO

UM FOUCAULT NEOLIBERAL?¹

*Edgardo Castro*²

*Tradução: Mario Antunes Marino*³

Resumo: Este artigo trata dos cursos de Michel Foucault dos anos de 1978 e 1979 sobre o liberalismo e o neoliberalismo. A partir desses cursos, propõe elucidar suas circunstâncias históricas, a concepção do liberalismo como racionalidade política crítica e sua projeção nas pesquisas posteriores do autor. Nesse sentido, traz também algumas considerações críticas acerca da recepção da relação de Foucault com o pensamento liberal e neoliberal.

Palavras-chave: Liberalismo – esquerda política – crítica – veridicção – segurança.

1. INTRODUÇÃO

Todo leitor seriamente interessado nos trabalhos de Michel Foucault se depara, de maneira quase imediata, com três dificuldades. Primeiramente, as declarações do próprio autor acerca de si e de seu trabalho; em seguida, a projeção de seu pensamento, que deu luz

¹ CASTRO, “¿Un Foucault neoliberal?”. In: *RFPF – Revista Latinoamericana de Filosofía Política*. Buenos Aires, Vol. VII, nº 2, p. 1-32, 2018.

² Pesquisador do Centro de Investigaciones Filosóficas/Conicet. Professor titular da Escuela de Filosofía da UNSAM em Buenos Aires.

³ Mestre e doutorando em Filosofia pela FFLCH/USP.

ao que se poderia denominar com propriedade uma vulgata foucaultiana. Por fim, a proliferação de publicações póstumas.

Com relação à primeira dificuldade, Foucault declarou, por exemplo, jamais ter sido um estruturalista nem ter utilizado o termo “estrutura” em *As palavras e as coisas*⁴. Ele também afirmou que nunca se ocupou de Filosofia⁵ e, portanto, que suas investigações não pertencem a este campo⁶. Em geral, tais afirmações são contraditórias com os fatos ou com outras declarações do próprio autor e se neutralizam de algum modo. Na verdade, o termo “estrutura” aparece numerosas vezes na obra mencionada. Foucault também afirmou, com a mesma ênfase, que seu trabalho não pertence nem à História nem à Sociologia, mas à Filosofia⁷. Ademais, para contrariar todos os rótulos que lhe atribuíram (esquerdista, marxista, niilista, antimarxista, positivista, neoliberal, tecnocrata etc.), afirmou que, embora separadamente não façam sentido, tais rótulos podem ter um sentido quando tomados em conjunto⁸.

Entretanto, a segunda dificuldade é mais relevante. Quase imediatamente após sua morte, instalou-se uma imagem de Foucault que, em grande medida, tomou forma a partir das elaborações de Gilles Deleuze no período 1985-1987.⁹ De um ponto de vista teórico, Foucault aparece como um pensador sísmico, que atravessou longas crises marcadas por pausas na publicação de seus livros¹⁰ e cujo percurso pode se dividir em três etapas ou fases (arqueológica, genealógica e ética). De uma perspectiva política, Foucault aparece como um pensador cujas análises das formas de exercício do poder promovem uma crítica constante e radical das instituições (o asilo, os hospitais, o saber, o encarceramento, as escolas, o Estado), mas sem propor outras. Embora ele (segundo as formulações do próprio Deleuze), mostrando uma fissura aberta através da qual a irrupção das forças externas – a Vida, para Deleuze –, juntamente com as formas internas de resistência, podem mudar o diagrama instável dessas instituições historicamente estratificadas,¹¹ abrindo assim a possibilidade de um Foucault, se não revolucionário, pelo menos reformista.

A proliferação de trabalhos seus publicados postumamente – a terceira dificuldade que apontamos – é, em primeiro lugar, uma questão quantitativa. Em 1994, dez anos após a morte de Foucault, publica-se a coletânea intitulada *Dits et écrits*, uma compilação de artigos, intervenções e textos mais ou menos breves que apareceram em diferentes publicações. Não se trata de inéditos, mas da reunião de publicações que se encontravam dispersas, e que agora aparecem ordenadas cronologicamente em quatro volumes,¹² tornando mais acessíveis cerca de três mil páginas do autor. A partir de 1997, inicia-se a edição de seus cursos ministrados

⁴ FOUCAULT, *A arqueologia do saber*, p. 225.

⁵ FOUCAULT, *Dits et écrits*, vol. 1, p. 1361.

⁶ FOUCAULT, *Dits et écrits*, vol. 1, p. 633.

⁷ FOUCAULT, *Segurança, território, população*, p. 5.

⁸ FOUCAULT, *Dits et écrits*. v. 2, p. 1412.

⁹ Em certa medida em forma de homenagem póstuma, Gilles Deleuze realiza dois cursos sobre o pensamento de Foucault na Universidade Paris-8 Saint-Denis: *Foucault: les formations historiques (1985-1986)* [trad. bras.: DELEUZE, 2018] e *Foucault: Le pouvoir (1986-1987)* [s.t.]. Em 1986, Deleuze publica *Foucault* (DELEUZE, 1988) e em 1987 pronuncia sua célebre conferência, também dedicada ao pensamento de Foucault, “Qu’est-ce que um dispositivo?” [“O que é um dispositivo?”]. In: *id.*, 2016].

¹⁰ DELEUZE, *Conversações*, p. 139.

¹¹ Esta imagem foi esboçada pelo próprio Deleuze em seu “diagrama de Foucault” (DELEUZE, *Foucault*, p. 128).

¹² [Nota do tradutor (doravante ndt)]. O presente artigo usa a edição de *Dits et écrits* de 2001, em dois volumes.

no Collège de France entre 1970 e 1984, dos quais, exceto algumas aulas, dispunha-se apenas de gravações cuja consulta pública era limitada. Essas aulas compõem um total de 13 cursos cuja publicação foi concluída em 2015. Além desses cursos, publicou-se outros na Bélgica e nos Estados Unidos, bem como conferências e programas de rádio. Somente do ponto de vista do material impresso (pois circulavam versões gravadas), essas publicações podem ser consideradas inéditas. O limite estrito entre o publicado em vida e o inédito (ou seja, sem que circulassem versões dispersas ou orais) foi transposto apenas recentemente com a publicação, depois de quase trinta e cinco anos de espera, de *Les aveux de la chair*, o quarto volume de *História da sexualidade*.¹³

Não é possível estimar nem o alcance nem o ritmo das publicações futuras. No entanto, para se ter uma perspectiva sobre isso, basta pensar que, nos Fundos Foucault, atualmente depositados na Bibliothèque Nationale de France, há uma série de vinte e nove cadernos que constituem uma espécie de diário intelectual, onde Foucault registrou suas leituras e reflexões de 1960 até o ano de sua morte. E há também numerosos cursos dos quais não circulam versões orais. Por exemplo, um em São Paulo e outro na Tunísia que podem ser considerados, respectivamente, uma introdução e uma continuação de *As palavras e as coisas*.

Ora, se, como já assinalamos, a primeira dificuldade – as afirmações de Foucault sobre si mesmo e sua obra – acaba sendo neutralizada, a situação das duas dificuldades seguintes – a existência de uma vulgata foucaultiana e a proliferação de escritos póstumos – é mais complexa. Sem entrar em mais detalhes, gostaríamos de salientar que essas duas dificuldades entram em colisão. A proliferação de escritos póstumos vai muito além da mera questão quantitativa e põe sob suspeita a imagem habitual do pensamento foucaultiano, tanto do ponto de vista teórico quanto político. De fato, à luz do estado atual das publicações, é difícil argumentar que tenha havido longas pausas no trabalho intelectual de Foucault, ou que ele tenha passado de forma abrupta ou sísmica de uma das etapas com que se costuma balizar seu percurso para outra, depois de atravessar uma crise profunda. E essa proliferação de publicações também põe em dúvida a imagem de um filósofo, como dissemos, senão revolucionário, pelo menos reformista, ou, em todo caso, puramente de esquerda. Por um lado, nos encontramos com alguém que não parou de pensar nem de publicar e que, embora tenha mudado de posição e reformulado seus problemas, fê-los deslocando-se cuidadosamente. E, por outro lado, com um pensador que, no final da década de 1970, não apenas interessou pelo liberalismo e neoliberalismo econômicos (por exemplo, o ordoliberalismo da Escola de Friburgo e o neoliberalismo da Escola de Chicago) mas, como Michael Behrent apontou, mostra-se atraído por ele e, quando é crítico ao liberalismo, parece sê-lo porque não o considera suficientemente liberal¹⁴. Sobre esta questão, Serge Audier se expressa na mesma direção: “Foucault não foi, como acreditaram ou foram persuadidos seus leitores, o grande teórico de uma crítica radical e monolítica do neoliberalismo, no qual teria

¹³ Foucault, de fato, enviara o manuscrito do quarto volume da *História da sexualidade* para a editora Gallimard pouco antes de sua morte, mas não tivera tempo nem forças suficientes para corrigir a versão editorial. *Les Aveux de la chair* (FOUCAULT, 2018a) foi publicado apenas em fevereiro de 2018.

¹⁴ ZAMORA, *Critiquer Foucault*, p. 40, 44.

visto o Mal contemporâneo”¹⁵, e “em seus textos e intervenções encontramos muitas críticas – e quão virulentas! – do comunismo, da situação na Polônia, da Union de la Gauche, do governo socialista etc., mas nenhuma crítica direta ao neoliberalismo”¹⁶.

Vale a pena assinalar que este interesse de Foucault pelo liberalismo e o neoliberalismo tem sido objeto de análises no âmbito dos *governmentality studies*, que ganharam impulso a partir do trabalho coletivo intitulado *The Foucault Effect*¹⁷, o qual propiciou a recepção de Foucault no mundo anglo-saxão. No âmbito do mundo acadêmico francês, este interesse foi objeto de dois trabalhos particularmente relevantes surgidos nos últimos anos: *La dernière leçon de Michel Foucault* de Geoffroy de Lagasnerie¹⁸ e a obra de Serge Audier que acabamos de citar, *Penser Le “néolibéralisme”: le moment néolibéral, Foucault et la crise du socialisme*. No mundo de língua espanhola, Foucault tem sido frequentemente utilizado como um ponto de apoio crítico às correntes neoliberais. Entretanto, a relação do filósofo com o liberalismo não foi objeto de um estudo detalhado.

Ora, se nos detivemos nessas três dificuldades, as quais, como dizíamos, deve afrontar todo leitor interessado nos trabalhos de Michel Foucault, é porque a questão que aqui nos ocupa, a de um Foucault neoliberal, concerne a cada uma delas. Trata-se apenas de um rótulo para classificar seu pensamento? Devemos finalmente abandonar a vulgata foucaultiana, tanto teórica quanto política? A partir do material editado postumamente, qual é o sentido de falar de um liberalismo ou de um neoliberalismo foucaultiano? Tendo em conta os limites de um artigo, nossa intenção é responder a essas perguntas.

2. A DESUNIÃO DA ESQUERDA

O momento liberal e neoliberal do pensamento de Foucault se concentra no período entre os anos 1978 e 1980. Com o curso *Segurança, território, população* no Collège de France, o ano de 1978 marca a emergência do liberalismo como questão. De fato, as referências são escassas e secundárias em seus trabalhos publicados anteriormente. Encontramos uma única menção em *História da loucura na Idade Clássica*¹⁹ e algumas poucas outras em *Nascimento da clínica*, neste caso a respeito da reorganização do ensino da medicina na época da Revolução Francesa²⁰. Deve-se dizer o mesmo dos cursos precedentes ao mencionado e do material reunido em *Dits et écrits* até esta data. O ano de 1979, com o curso *Nascimento da biopolítica*, inteiramente dedicado ao liberalismo e sobretudo a neoliberalismo, representa o auge do interesse de Foucault por essas problemáticas.²¹ O ano de 1980 encerra esse ciclo com o

¹⁵ AUDIER, *Penser le « néolibéralisme »*, p. 385. Exceto indicação em contrário, quando remetemos a obras em outras línguas, as traduções são nossas [ndt: as citações foram traduzidas do idioma original para o português].

¹⁶ AUDIER, *Penser le “néolibéralisme”: le moment néolibéral, Foucault et la crise du socialisme*, p. 387.

¹⁷ Cf. BURCHELL, GORDON, MILLER. *The Foucault Effect: Studies in Governmentality*, University of Chicago Press, 1991.

¹⁸ Cf. De LAGASNERIE, *La dernière leçon de Michel Foucault: Sur le néolibéralisme, la théorie et la politique*, Fayard, 2012.

¹⁹ FOUCAULT, *História da loucura na Idade Clássica*, p. 364.

²⁰ FOUCAULT, *Nascimento da clínica*, p. 54-55; 57-58; 91-93; 96.

²¹ É preciso ter em mente que, mesmo que ministrados em 1978 e 1979 e disponíveis durante anos em registros sonoros, os cursos *Segurança, território, população* e *Nascimento da biopolítica* foram publicados mais recentemente em 2004 [ndt: a tradução brasileira apareceu em 2008].

curso dedicado, segundo o resumo do curso redigido por Foucault, “a certos aspectos do pensamento liberal”²². Há poucas referências no ano de 1980, desta vez relevantes, em *Dits et écrits*, mas nenhuma em seus livros publicados posteriormente em vida: o segundo e o terceiro volumes de *História da sexualidade*, ambos de 1984, tratam da Antiguidade grega e romana.

Como observam Michel Senellart²³ e, em geral, a literatura secundária (por exemplo, Audier²⁴), não apenas os acontecimentos que marcaram a vida política da França a partir do Maio de 68 motivaram o interesse de Foucault pelo liberalismo e o neoliberalismo; suas marcas e consequências podem ser percebidas nesses cursos de 1978 e 1979, e o conhecimento dessas circunstâncias históricas é incontornável para a sua compreensão apropriada. De fato, o próprio Foucault afirma que a questão do liberalismo se coloca “para nós em nossa atualidade imediata e concreta”²⁵.

Em primeiro lugar, dessa atualidade deve-se ter muito presentes as controvérsias no seio da esquerda francesa decorrentes da reação dos próprios setores de esquerda contra a denominada Union de la Gauche (1972-1977). Em 1971, no congresso de Épinay, o Partido Socialista Francês (PS) – fundado dois anos antes com a integração, entre outras forças, da SFIO, a Sessão Francesa da Internacional Operária –, elege François Mitterrand secretário geral. Para diferenciar-se da conformação das frentes meramente eleitorais, sua estratégia política foi elaborar um programa comum de governo ao qual puderam aderir todas as forças afins, em particular o Partido Comunista Francês (PCF), com seu contingente de eleitores imprescindível. Sobre essa ideia e com a elaboração do denominado, precisamente, Programa Comum de Governo, em 1972 surgiu a Union de la Gauche. A possibilidade do PCF, por meio dessa aliança com o Partido Socialista, ascender ao governo – do qual havia sido expulso em 1947 – produziu no próprio PS uma fratura entre uma esquerda estatista e outra descentralizadora, aberta ao livre mercado e à iniciativa empresarial. De um lado François Mitterrand, de outro Michel Rocard, representante do que se denominou Deuxième Gauche [segunda esquerda]. Esta toma forma a partir do célebre discurso de Rocard no Congresso Socialista de 1977 em Nantes, intitulado justamente “Les deux cultures de la gauche”.

Os questionamentos dos próprios setores de esquerda ao PCF, entretanto, são muito anteriores: desde meados da década de 1940 tinham como alvo o alinhamento com a URSS, a negação por parte do PCF da existência de campos de concentração na União Soviética (conhecida muito antes da publicação do livro de Solzhenitsyn)²⁶ e a defesa das intervenções soviéticas nos países da Europa do Leste (como a invasão da Hungria em 1956). Um segundo

²² FOUCAULT, *Do governo dos vivos*, p. 294.

²³ FOUCAULT, *Segurança, território, população*, p. 498 sq. Michel Senellart foi o editor dos cursos *Segurança, território, população* e *Nascimento da biopolítica*. Assim como em todos os cursos de Foucault no Collège de France, Senellart conclui com um comentário intitulado “Situação do curso”, onde, precisamente, contextualiza os temas e os problemas abordados nas aulas. Apesar do excelente trabalho de edição, o comentário do curso de 1978 – que, na verdade, aborda os dois cursos, considerados por Senellart um “díptico” –, embora muito esclarecedor, não é exaustivo. Aquele do curso de 1979 é particularmente breve e deve ser abordado como uma continuação do anterior.

²⁴ AUDIER, *Penser le « néolibéralisme »*, p. 159-170.

²⁵ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 31.

²⁶ A esse respeito, basta mencionar as controvérsias suscitadas pela publicação do livro do refugiado soviético Viktor Kravchenko, *J'ai choisi la liberté* (1948), a formação da Comissão Rousset, encarregada de indagar sobre a existência de campos de concentração na Rússia, e a utilização pela SFIO de um pôster com a localização desses campos na campanha eleitoral de 1951 (Cf. CHRISTOFFERSON, *Les intellectuels contre la gauche*, p. 69).

momento crítico no seio da cultura de esquerda foram os movimentos surgidos do Maio de 68, como as organizações maoístas *Vive la Révolution* e *Gauche Prolétarienne* (GP), que rapidamente adotaram posições politicamente opostas ao comunismo e ao socialismo, apoiando a democracia direta e propondo formas de ação anti-hierárquicas e antipartidárias.²⁷ Mas a fratura socialista de 1977 abriu um espaço de discussão e de questionamento muito mais amplo, que incluía os temas centrais do possível programa de governo das forças de esquerda. Por exemplo, começou-se a debater qual o sentido que tinham para a cultura de esquerda conceitos tais como democracia, liberdade, intervenção e presidência do Estado, a função das empresas, a nacionalização dos meios de produção e a autogestão.

Foucault participou do fórum organizado em 1977, cujo objetivo foi uma atualização do Programa Comum de Governo. Ainda assim, como notam os editores de *Dits et écrits*, Foucault limitou-se ao papel de intelectual específico, ou seja, limitou-se a questões específicas relativas à organização da medicina.²⁸ Em uma entrevista de 1983, refletindo acerca da situação da esquerda francesa nesses anos, ele torna explícitas tanto sua proximidade com as posições de Rocard quanto sua crítica àquelas representadas por Mitterrand²⁹. Com relação ao PS, ele afirma explicitamente em uma entrevista de 1984:

É grave que o Partido Socialista multiplicou os programas, os textos, os projetos, e que nenhum deles representou um esforço de reflexão que permitisse supor um pensamento político novo e coerente. Era uma rapsódia de promessas, de quimeras mescladas com velhos restos ideológicos.³⁰

A forma política do socialismo constitui um dos eixos de problematização do curso de 1979, precisamente por meio da confrontação com o liberalismo. Para nosso autor, existe uma racionalidade histórica, econômica e administrativa do socialismo, mas não uma racionalidade governamental, ou seja, uma medida “calculada da extensão, das modalidades e dos objetivos da ação governamental”³¹. Por isso, ele sustenta, o socialismo governou servindo-se da racionalidade governamental do Estado de polícia³² (dando lugar, então, a um Estado hiperadministrativo) ou servindo-se também daquela específica ao liberalismo³³. Para Foucault, não existe uma “governamentalidade autônoma do socialismo” (*loc. cit.*).

Várias razões explicam que essa problematização tenha lugar, no curso de 1979, no quadro denominado a questão alemã ou o modelo alemão: o fascínio que a socialdemocracia

²⁷ Surgida em maio de 1968 a partir da crise da *Union des Jeunes Communistes Marxistes-Léninistes*, a GP funcionou oficialmente até 1973. Dirigida por Benny Lévy, contou entre seus membros com um dos representantes máximos dos denominados *nouveaux philosophes*, André Glucksmann. A GP, crítica da representação política, era partidária da democracia direta e de todas as formas de revolta popular, mesmo que recorresse a formas violentas de ação.

²⁸ Ademais, sempre manifestou seu ceticismo a respeito das propostas de autogestão, sua oposição à nacionalização das empresas (FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 330) e aos tribunais populares (*ibid.*, 1515).

²⁹ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 1272-1273.

³⁰ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 1509.

³¹ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 123.

³² “O Estado de polícia é um governo que se confunde com a administração, um governo que é inteiramente administrativo e uma administração que tem para si, atrás de si, o peso integral da governamentalidade” (FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, 51).

³³ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 124.

exercia, a aproximação, nesses anos, entre Valéry Giscard d'Estaing e Helmut Schmidt³⁴, bem como o caso Klaus Croissant, o advogado alemão da Rote Armee Fraktion refugiado na França³⁵. Em *Nascimento da biopolítica*, referindo-se às duas Alemanhas, Foucault afirma que “quando se cruza a fronteira que separa as duas Alemanhas [indo da Alemanha Ocidental para a Oriental], é claro que a questão que todo bom intelectual ocidental se formula é a seguinte: onde está o verdadeiro socialismo? Ali de onde venho ou lá para onde vou?”³⁶. Por mais paradoxal que pareça, para Foucault o liberalismo “é uma palavra que nos vem da Alemanha”³⁷.

Em segundo lugar, na atualidade que motiva e atravessa os cursos de 1978 e 1979, deve-se ter presente as repercussões do livro de Solzhenitsyn, *Arquipélago gulag* (publicado na França em 1973) e a importância da figura política do dissidente vindo do Leste europeu. Para além das manifestações acerca deste livro, que eram parte do jogo político da época, não parece razoável sustentar, conforme Christofferson mostrou detalhadamente, que logo certos intelectuais atribuíram um caráter revelador à obra.³⁸ Como já apontamos, a existência de campos de concentração na URSS era conhecida há muito tempo, assim como os fracassos do modelo soviético. Aquilo que se poderia denominar “efeito Gulag” deve muito mais à problemática da esquerda na década de 1970 do que às revelações do dissidente russo. Na verdade, a publicação da obra de Solzhenitsyn foi a ocasião para denunciar os possíveis riscos totalitários da aliança entre o PS e o PCF na Union de la Gauche. Os violentos ataques do PCF contra Solzhenitsyn motivaram até mesmo a reação dos dirigentes do PS, colocando em dúvida o compromisso do PCF com as liberdades fundamentais³⁹.

Quanto às repercussões nos trabalhos de Foucault, segundo suas próprias palavras, a expressão “arquipélago carcerário” foi empregada em *Vigiar e punir* devido ao título do trabalho do dissidente russo. Neste caso, a noção de arquipélago é entendida em sentido amplo, para falar do “recobrimento universal de uma sociedade por um tipo de sistema punitivo”⁴⁰. Quanto ao apoio aos dissidentes dos países do Leste europeu durante esses anos, Foucault participou da célebre manifestação no teatro Récamier para protestar contra a visita a Paris do líder soviético Leonid Breznev, em 1977. Porém, são mais relevantes as considerações que encontramos sobre a dissidência e o significado da obra de Solzhenitsyn no curso de 1978, *Segurança, território, população*. Aqui, a dissidência não é vista simplesmente como o questionamento de um determinado sistema político-institucional, mas, sobretudo, do modo pelo qual se governa a vida dos indivíduos. Quando o Estado se encarrega de conduzir a vida quotidiana, mobilizando o seu poder não apenas mediante o exercício da soberania, mas também por meio da economia, fomentando o terror em quem é governado

³⁴ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 245-246.

³⁵ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 361-365.

³⁶ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 124-125.

³⁷ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 31.

³⁸ A esse respeito, Foucault declara: “Eu li recentemente nos jornais que os intelectuais franceses deixaram de ser marxistas a partir de 1975 por causa de Solzhenitsyn. Há motivos para riso” (FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 1469).

³⁹ CHRISTOFFERSON, *Les intellectuels contre la gauche*, p. 164-170.

⁴⁰ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 32.

e naqueles que exercem a função de governar,⁴¹ e propondo alguma forma de salvação e de verdade. Aqui, Foucault se refere a uma pastoralização da política (voltaremos ao tema detalhadamente mais adiante). “[Este] é Solzhenitsyn”⁴². Dessa perspectiva, a dissidência deve ser vista como uma reação contra essa forma de exercício de poder. Ele afirma:

Não queremos obedecer a esta gente. Não queremos esse sistema, em que até os que comandam são obrigados a obedecer por terror. Não queremos essa pastoral da obediência. Não queremos essa verdade. Não queremos ser pegos nesse sistema de verdade. Não queremos estar presos nesse sistema de observação, de exame perpétuo que nos julga o tempo todo, que nos diz o que somos no fundo de nós mesmos, sadios ou doentes, loucos ou não etc. (*loc. cit.*)

No curso do ano seguinte, *Nascimento da biopolítica*, como dissemos, inteiramente dedicado ao liberalismo e ao neoliberalismo, Foucault nega que Solzhenitsyn possa ser uma grade de leitura adequada para o liberalismo. Do mesmo modo, tampouco o são Adam Smith ou Marx. De fato, o liberalismo do século XX não se reduz a uma reativação do *laissez-faire* (Smith), a uma sociedade da mercadoria (Marx) ou à extensão em escala planetária do poder do Estado (Solzhenitsyn); “o neoliberalismo é [...] outra coisa”⁴³.

Em terceiro lugar, no cruzamento entre a discussão sobre as formas políticas do socialismo, o efeito Solzhenitsyn e a dissidência vinda do Leste europeu na segunda metade da década de 1970, encontramos outros acontecimentos que marcaram esses anos: a emergência dos chamados *nouveaux philosophes* (como André Glucksmann – antigo maoísta da Gauche Prolétarienne –, Bernard-Henry Lévy e Jean-François Revel) e a atividade editorial de publicações como *Esprit* e *Le Nouvel Observateur*, que denunciavam a cegueira da esquerda francesa diante dos crimes do regime comunista e questionavam a cultura política de matriz revolucionária.

Foucault colaborou assiduamente com *Nouvel Observateur* e deu o seu apoio aos novos filósofos, sobretudo elogiando as obras do antigo maoísta Glucksmann, como *La cuisinière et le mangeur d'hommes* (um ensaio sobre o Estado, o marxismo e os campos de concentração, publicado em 1975) e *Les mâtres penseurs* (1977). Foucault publica uma longa resenha sobre esse último trabalho, justamente no *Nouvel Observateur*, reimpressa em *Dits et écrits*⁴⁴ onde, por um lado, elogia a argumentação de Glucksmann e critica quem diz “Contra Stalin, não escutem as vítimas, elas só podem narrar seus suplícios. Releiam os teóricos, eles dirão a verdade sobre o verdadeiro”⁴⁵. Em suma, o Gulag não se explica a partir de um erro de leitura, nem se resolve com um marxismo de caráter científico. Nesse contexto, Foucault também critica a relação estabelecida pela tradição alemã entre Estado e revolução. Ele afirma:

⁴¹ No curso intitulado *Do governo dos vivos*, Foucault fala de um “princípio Solzhenitsyn” para referir-se a um sistema de governo que funciona a partir do temor que se produz pela consciência que todos têm do que está se passando” (FOUCAULT, *Op. cit.*, p. 16).

⁴² FOUCAULT, *Segurança, território, população*, p. 265.

⁴³ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 180.

⁴⁴ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 277.

⁴⁵ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 278.

Todas as nossas submissões encontram seu princípio neste duplo convite: façam a revolução rapidamente, ela lhes dará o Estado de que necessitam; apressem-se em fazer um Estado e este lhes dará prodigamente os efeitos racionais da revolução. Ao pensar a revolução, seu começo e fim, os pensadores alemães a acorrentaram ao Estado e desenharam o Estado-revolução, com todas as suas soluções finais.⁴⁶

Na década de 1970, o questionamento de Foucault à cultura política do PCF, do PS, do projeto e do programa político da Union de la Gauche, assim como o apoio a Solzhenitsyn, à dissidência vinda do Leste europeu e aos *nouveaux philosophes* não são tampouco uma particularidade de seus trabalhos e manifestações públicas. E o interesse pelo liberalismo, motivado pela crise da esquerda pós-68, tampouco pode ser visto como uma peculiaridade de nosso autor. Nesse sentido, pode-se mencionar toda uma série de trabalhos publicados em 1979, no mesmo ano do curso *Nascimento da biopolítica*, que também têm como tema central o liberalismo, suas raízes teóricas, sua concepção política e sua atualidade. *On ne change pas la société par décret* de Michel Crozier, *Le libéralisme* de Maurice Flamant, *Hume e la naissance du libéralisme économique* de Didier Deleule e *Le capitalisme utopique* de Pierre Rosanvallon.⁴⁷ Deleule e Rosanvallon, ademais, participaram do seminário de Foucault no Collège de France em 1980 sobre o pensamento liberal. Entretanto, para além da amplitude do questionamento da cultura política da esquerda e do interesse comum pelas correntes liberais, Foucault elaborou sua própria problematização do liberalismo e do neoliberalismo. Dirigiremos agora nossa análise para essa direção, passando dos motivos históricos aos teóricos, os quais, como veremos, reformularam profundamente o projeto foucaultiano em sua totalidade.

3. DA CRÍTICA À SEGURANÇA

As interpretações dos eventos políticos que acabamos de mencionar tendem a enfatizar a reação antitotalitária dos intelectuais de esquerda ao risco eventual, como já assinalamos, da ascensão do PCF ao governo por meio de sua aliança com o PS. Reação exacerbada não só pelos efeitos da publicação do livro de Solzhenitsyn, mas também pelas posições adotadas dentro do PCF com respeito à Revolução Portuguesa de 1974. De fato, a ruptura da aliança entre os partidos socialista e comunista daquele país levou ao predomínio político do Partido Comunista Português e à implementação de medidas de cunho totalitário. Como consequência dessa reação, afirma-se que os intelectuais de esquerda teriam ido do progressismo revolucionário ao reformismo dos direitos humanos⁴⁸.

⁴⁶ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 280.

⁴⁷ [ndt] Em 1978 Henri Lepage publica *Demain Le capitalisme*, obra de divulgação do pensamento do economista Gary Becker da Escola de Chicago. Um dos objetivos do livro era trazer argumentos liberais contra a autogestão, tema muito presente entre os socialistas da Segunda Esquerda. Foucault certamente conhecia a obra quando analisou Becker e o neoliberalismo norte-americano em *Nascimento da biopolítica*.

⁴⁸ CHRISTOFFERSON, *Les intellectuels contre la gauche*, p. 8.

Ora, as questões do totalitarismo e do reformismo estão presentes na reflexão de Foucault em seus cursos no Collège de France sobre o liberalismo, mas não constituem o eixo de seus desenvolvimentos. Em suas declarações da época reproduzidas em *Dits et écrits*, encontramos explicitamente as razões. Em 1977, em uma entrevista sobre a situação política daqueles anos, Foucault afirma que não estamos testemunhando uma ressurreição do totalitarismo, mas algo “completamente diferente”, que pode ser descrito em termos gerais como um “pacto de segurança”⁴⁹. E em uma conferência no Japão no ano seguinte, intitulada “La philosophie analytique de la politique” [A filosofia analítica da política], refletindo sobre a função política dos intelectuais, o eventual fim da era da revolução e o sentido de suas lutas em relação às prisões e aos hospitais, Foucault se distancia do reformismo, o qual, em sua opinião, só serve para “estabilizar um sistema de poder após algumas mudanças”⁵⁰. Sua preocupação esses anos não tem como referência central as possíveis derivas totalitárias do Estado ou as reformas necessárias de suas instituições, mas a maneira pela qual a vida dos indivíduos e da população é governada – ou, segundo o termo cunhado em *Segurança, território, população*, a “governamentalidade”⁵¹ – e as lutas denominadas “específicas”, justamente para diferenciá-las das que são frequentemente descritas como revolucionárias ou reformistas.⁵²

Os cursos foucaultianos sobre liberalismo e neoliberalismo inscrevem-se neste deslocamento da questão do Estado e de suas instituições, do exercício do poder em termos de soberania e lei para a questão da governança de vida da população e dos indivíduos; ou, para sermos mais precisos, é essa problemática do governo que vem à luz na análise do liberalismo e do neoliberalismo. A este respeito, a literatura secundária é abundante. Mas essa mudança não explica por si só a concepção do liberalismo de Foucault e, acima de tudo, não é suficiente para entender a relação do seu pensamento com o liberalismo. É necessário considerar, em primeiro lugar, um outro conceito que, precisamente nesses anos, começa a ter uma nova e mais ampla problematização nos trabalhos de nosso autor e, no entanto, no que diz respeito aos cursos de 1978 e 1979, tem sido menos explorado. Referimo-nos ao conceito de crítica.

Justamente entre o primeiro e o segundo de seus cursos dedicados ao liberalismo, em uma conferência na Société Française de Philosophie intitulada “Qu’est-ce que la critique?”⁵³,

⁴⁹ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 285.

⁵⁰ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 547.

⁵¹ A noção de governamentalidade está ausente dos livros de Foucault publicados em vida. Sua elaboração foi realizada nos cursos do Collège de France. Em *Segurança, território, população*, é definida nos seguintes termos: “Por esta palavra, ‘governamentalidade’, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança” (FOUCAULT, *Op. cit.*, p. 143).

⁵² Foucault enumera quatro características principais das lutas específicas (FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 544-546): 1) Elas não consideram o poder de maneira massiva ou global, mas estudam as relações de poder como jogos, em termos de táticas e estratégias. 2) Diferentemente dos movimentos políticos e revolucionários tradicionais, essas lutas são fenômenos difusos, descentralizados e que partem de problemas locais. 3) Essas lutas visam os fatos ou efeitos do poder, as formas específicas em que são exercidos. 4) Trata-se de lutas imediatas. Elas não seguem o princípio leninista do principal inimigo, nem esperam por um momento futuro, que seria a revolução ou a libertação.

⁵³ Infelizmente, essa conferência não foi incluída em *Dits et écrits*. Ela circulou no Société Française de Philosophie de Filosofia em uma versão diferente da publicada recentemente (FOUCAULT, *Qu’est-ce que la critique? Suivi de la culture de soi*, Paris, J. Vrin, 2015). Sobre os problemas interpretativos que suscita,

Foucault aborda a noção de crítica em relação ao problema do governo da vida dos indivíduos e da população que denomina, em *Segurança, território, população*, “poder pastoral”. É uma forma de exercício de poder que se caracteriza pela combinação, ao mesmo tempo e não sem contradições, do governo de vida dos indivíduos e da multidão (como a expressão latina *omnes et singulatim*), aos quais promete alguma forma de salvação e exige a obediência referida a uma certa verdade. No segundo apêndice de *Les aveux de la chair*⁵⁴, que pode ser considerado uma genealogia do poder pastoral, Foucault enumera as seis funções fundamentais desta forma de governo na modalidade do pastor: reunir (seu poder é exercido sobre uma multidão dispersa e não sobre um território); guiar (não procura estabelecer uma lei, mas um objetivo com relação ao qual deve indicar as decisões a serem tomadas a cada momento e em diferentes circunstâncias); alimentar (não para arrecadar impostos, mas, pelo contrário, dar de “beber e comer” ao rebanho); vigiar (não tratar suas ovelhas como súditos ou iguais perante a lei, mas conhecê-las e guiá-las individualmente); salvar (a todos e a cada um); prestar contas (de suas falhas e das ovelhas, pois deve devolver o que recebe). Para o pastor, diz nosso autor, “cada indivíduo, independentemente da idade ou status, do início ao fim de sua vida, devia ser governado e devia deixar-se conduzir, até nos detalhes de suas ações”⁵⁵.

O pastorado distingue-se, como vemos, dos elementos que tradicionalmente definem a política: território, direito, impostos, submissão ao soberano e supremacia das instituições. Desse modo, opõe-se àquela outra metáfora clássica com a qual o poder foi concebido no Ocidente: o timoneiro e o navio. Segundo essa metáfora, a cidade é como um navio, o político é seu timoneiro e o leme são as leis. A figura do pastor projeta uma imagem diferente do exercício do poder. Seu poder, com efeito, não é exercido sobre um território, a cidade ou o país, o que seria o navio, mas sobre o comportamento e as decisões daqueles que dirige, sobre as ações de cada membro da tripulação. O instrumento de que se serve não é o timão nem as leis, que conduzem a multidão como um todo com seus movimentos, mas as normas que, para conduzir a multidão, realizam a individualização daqueles que a compõem.⁵⁶

Para além dessas diferenças, que opõem as figuras do político e do pastor, não devemos interpretar a virada foucaultiana da questão do Estado para a governamentalidade como um abandono da dimensão estatal do poder, mas sim como um redimensionamento.⁵⁷ Foucault, de fato, está interessado na maneira como ambos os registros se combinam, tanto do ponto de vista histórico quanto do teórico. Para Foucault, a partir dos séculos XV e XVI, assistimos a um processo de pastoralização da política. Desse modo, no campo da política, o governo da vida da população ocupará o lugar que teve o fortalecimento do poder do príncipe e a preocupação com o território e sua defesa. Com a Modernidade, para Foucault,

especialmente em relação aos temas que nos ocupam aqui, Cf. o artigo de P. Büttgen, “Eschatologie, fin de l’histoire, ontologie de la actualité” (In: BENOIST, *Après la fin de l’histoire: temps, monde, historicité*, p.61-90).

⁵⁴ FOUCAULT, *Histoire de la sexualité vol. 4: les aveux de la chair*, p. 384-389.

⁵⁵ FOUCAULT, *Qu’est-ce que la critique? Suivi de la culture de soi*, p. 35.

⁵⁶ Sobre as diferenças entre a noção jurídica de lei e a noção de norma da qual se servem, por exemplo, a medicina, a psiquiatria, a psicologia ou a sociologia, Cf. FOUCAULT, *Œuvres*, v. 2, p. 462-463.

⁵⁷ A esse respeito, diz Foucault, “Mas o Estado nada mais é que uma peripécia do governo, e não o governo que é um instrumento do Estado” (FOUCAULT, *Segurança, território, população*, p. 331).

se o pastorado “perdeu sua forma estritamente religiosa e a essência de seus poderes, encontrou no Estado um novo suporte e um princípio de transformação”⁵⁸.

De acordo com a conferência “Qu’est-ce que la critique?”, a crítica ou atitude crítica, “o que Kant mais tarde chamará de *Aufklärung*”⁵⁹, surge como uma reação a esse processo de pastoralização do poder, eclesiástico e político, que começou na época da Reforma e da Contrarreforma e que, no século XVIII, dará lugar ao que Foucault denomina biopoder e biopolítica⁶⁰. Nesse contexto, Foucault define a crítica como “a arte de não ser governadodestaforma”, isto é, com tais objetivos, tais meios e por tais governantes⁶¹; como a arte da “inservidão voluntária, da indocilidade refletida”⁶²; como o direito de questionar a verdade sobre seus efeitos de poder e poder sobre seus discursos de verdade.

Na parte final da primeira aula de *Nascimento da biopolítica*, em uma extensa nota⁶³ que ocupa páginas do manuscrito e que – muito possivelmente devido à falta de tempo – Foucault não leu publicamente durante o curso, encontramos uma série de respostas sobre o que é o liberalismo: a aceitação de que deve haver uma limitação da ação de governar que não seja apenas o limite externo do direito, uma prática para calcular os efeitos da limitação da ação de governar, uma solução que consiste em limitar ao máximo a ação de governar, a organização de métodos para limitar a ação de governar, uma forma de governamentalidade moderna que põe limites intrínsecos em termos de veridicção.

Como vemos, o advento do liberalismo representa o momento em que a atitude crítica é introduzida na própria ação de governar⁶⁴. Desta perspectiva – Foucault insiste repetidas vezes nisso – o liberalismo não é uma ideologia ou uma doutrina política, nem uma teoria econômica⁶⁵, mas uma forma de racionalidade governamental, cuja especificidade é ter “como princípio e método do exercício do governo” a máxima economia ou a limitação da ação de governar e a suspeita de que sempre se governa demais⁶⁶.

Como isso, Foucault posiciona seu curso *Nascimento da biopolítica* como uma análise das governamentalidades críticas que moldaram as diferentes correntes neoliberais do século XX⁶⁷: o neoliberalismo alemão da Escola de Friburgo, governamentalidade crítica em relação ao excesso de governo do regime nazista, e o neoliberalismo americano da Escola de Chicago, crítico do excesso de governo do New Deal.

Como assinalamos, há uma abundante literatura secundária sobre o conceito de governamentalidade, que define o quadro geral dos cursos de 1978 e 1979. No entanto, como também dissemos, a inscrição do liberalismo na tradição crítica tem sido menos estudada,⁶⁸ entre outras razões, pela falta de um estudo exaustivo sobre a noção de crítica do próprio

⁵⁸ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 551.

⁵⁹ FOUCAULT, *Qu’est-ce que la critique? Suivi de la culture de soi*, p. 41.

⁶⁰ FOUCAULT, *História da sexualidade* vol. I: *a vontade de saber*, p. 131.

⁶¹ FOUCAULT, *Qu’est-ce que la critique? Suivi de la culture de soi*, p. 37.

⁶² FOUCAULT, *Qu’est-ce que la critique? Suivi de la culture de soi*, p. 39.

⁶³ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 28-30.

⁶⁴ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 17.

⁶⁵ FOUCAULT, *Do governo dos vivos*, p. 13.

⁶⁶ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 432-433.

⁶⁷ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 438-439.

⁶⁸ Entre os trabalhos sobre essa questão, além de Serge Audier (2015), cujas conclusões discutiremos na parte final de nosso artigo, devemos mencionar o de Thomas Lemke (*Foucault, governamentalidade e crítica*, São Paulo, Ed. Filosófica Politeia, 2017), que estuda sobretudo a relação entre a análise foucaultiana do neoliberalismo, o conceito de governamentalidade e a recepção desse conceito na tradição dos *governmentality studies*.

Foucault. Certamente, não é uma tarefa que podemos empreender aqui. Apesar disso, e para alcançar nossos objetivos, devemos esclarecer, pelo menos parcialmente, a relação entre crítica e liberalismo nas análises foucaultianas. Pois, como veremos, se Foucault usa a noção de crítica para definir o liberalismo, suas análises do liberalismo, por sua vez, enriquecem sua concepção de crítica. Em particular, o conceito de veridicção, ou seja, o regime de verdade ou conjunto de regras que estabelecem o que pode ser considerado verdadeiro ou falso e os efeitos de poder vinculados ao dizer verdadeiro⁶⁹.

A noção de crítica, particularmente em sua matriz kantiana, foi parte da reflexão de Foucault do início ao fim de sua jornada intelectual, marcou alguns de seus momentos centrais⁷⁰ e foi repetidamente abordada. Assim, por exemplo, à resposta de Kant de 1784 sobre a questão *Was ist Aufklärung?*, além de outras referências, Foucault dedicou dois escritos a Kant por ocasião de seus duzentos anos⁷¹ e as primeiras lições do curso de 1983, *O governo de si e dos outros*⁷², que abre o último estágio de sua jornada intelectual. A partir de Kant, Foucault distingue duas grandes correntes críticas. Uma que se interroga sobre as condições formais ou transcendentais que possibilitam a existência da verdade e, desse modo, faz surgir uma analítica da verdade. Outra, no entanto, questiona as formas de veridicção, ou seja, a maneira pela qual os diferentes jogos da verdade foram historicamente constituídos e as formas pelas quais os sujeitos se vinculam a eles⁷³. Além dele próprio, Foucault coloca Hegel, Nietzsche, Weber e a Escola de Frankfurt nessa segunda vertente pós-kantiana da corrente crítica⁷⁴.

Com relação à crítica, a emergência do conceito de veridicção está intimamente ligada à análise do processo pelo qual, durante os séculos XVII e XVIII, se busca estabelecer um princípio de autolimitação da ação governamental. Em *Nascimento da biopolítica*, para descrever o princípio crítico da autolimitação da própria ação de governo, Foucault fala, precisamente, de veridicção [*véridiction*]. Para o nosso autor, esse é o papel desempenhado pelo mercado. Durante a Idade Média, ele afirma, o mercado era fundamentalmente um lugar de justiça ou jurisdição, objeto de múltiplas regulamentações que estabeleciam, por exemplo, o preço justo de produtos ou as sanções à fraude. A partir do século XVIII, o mercado deixa de ser o espaço primariamente de jurisdição, para se tornar um espaço de veridicção. Dessa forma, os preços, formados de acordo com os mecanismos do próprio mercado, mostram quais são as práticas governamentais corretas e quais não o são. Portanto, segundo Foucault, ao invés de um mecanismo de fixação de preços, através da interação entre oferta e demanda, o mercado, para o liberalismo, é um dispositivo que nos diz a verdade sobre o governo, realiza a veridicção sobre se está governando bem ou mal e, desse modo, serve de fundamento para a dimensão crítica da governamentalidade liberal clássica⁷⁵. No que diz respeito à governamentalidade neoliberal, essa função de verificação é realizada pelo cálculo dos custos

⁶⁹ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 1451.

⁷⁰ Por exemplo, a tese secundária de doutorado de Foucault consistiu na tradução e no comentário de *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht* de Kant (KANT; FOUCAULT, *Anthropologie d'un point de vue pragmatique*, 2009).

⁷¹ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 1381-1397; 1498-1507.

⁷² FOUCAULT, *O governo de si e dos outros*, p. 3-40.

⁷³ FOUCAULT, *Mal fazer, dizer verdadeiro*, p. 9 e FOUCAULT, *O governo de si e dos outros*, p. 21-22.

⁷⁴ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 1507.

⁷⁵ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 46-47.

e benefícios da racionalidade empresarial⁷⁶. De fato, Foucault se preocupa em analisar como essa forma de racionalidade funciona, por exemplo, nas teorias penaisnorte-americanas e na teoria do capital humano⁷⁷. O liberalismo e o neoliberalismo, portanto, não são apenas formas críticas de governamentalidade; mas também formas de veridicção ou regimes de verdade ou, para ser mais preciso, são governamentalidades críticas na medida em que são formas de veridicção.

É necessário sublinhar que, se Foucault usa o conceito de governamentalidade para deslocar a centralidade política da questão do Estado, com todas as fobias que este pode suscitar, não apenas as totalitárias,⁷⁸ o conceito de veridicção, por outro lado, permite distanciar-se do reformismo dos direitos humanos. A noção de veridicção, com efeito, supõe a da liberdade. Sem liberdade de mercado, por exemplo, não há veridicção de mercado. Mas essa liberdade – e aqui tocamos um ponto nodal dos cursos foucaultianos – é diferente daquela que encontra seu fundamento na doutrina dos direitos fundamentais.

Desde as primeiras aulas de *Nascimento da biopolítica*, Foucault insiste na especificidade da liberdade (de mercado, de comércio, de uso da propriedade etc.) que está em jogo em uma governamentalidade crítica que se propõeser uma forma de autolimitação, isto é, uma limitação interna da ação de governar. Pois o direito e os direitos fundamentais, em particular, também constituem uma forma de limitação da ação de governar, mas, neste caso, externa. Portanto, ele argumenta, com o advento do liberalismo encontramos “duas concepções absolutamente heterogêneas de liberdade, uma concebida a partir dos direitos do homem, a outra percebida a partir da independência dos governados” em relação aos governantes⁷⁹.

Para Foucault, no entanto, a liberdade liberal consiste não apenas em afirmar a independência dos governados, mas, acima de tudo, na produção e no consumo da liberdade, mediante a gestão das condições sob quase pode ser livre⁸⁰. Porém, tal gestão da liberdade implica, como seu inevitável correlato, as formas de controle. Assim, por exemplo, a liberdade de comércio não pode ser garantida sem um regime aduaneiro. A liberdade dos governados e o controle dos governantes tornam-se, desse modo, duas faces da mesma moeda. A produção e o consumo das liberdades requerem dispositivos de segurança, isto é, mecanismos pelos quais é possível administrar a aleatoriedade dos eventos e seus eventuais riscos.⁸¹ Levando em conta essa relação constitutiva entre a liberdade dos governados e os dispositivos de segurança, Foucault sustenta, com efeito, que o liberalismo não é definido pela proteção externa dos indivíduos e de sua liberdade, mas, ao contrário, por arbitrar a relação entre a liberdade e a segurança dos indivíduos a partir da noção de risco⁸². Nesse sentido, a liberdade do liberalismo pode ser definida como uma liberdade *securitária*.

⁷⁶ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 201.

⁷⁷ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 353-356; 365-372.

⁷⁸ Em termos críticos, Foucault fala, com efeito, da “fobia do Estado” (FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 104). Por outro lado, ele considera que o totalitarismo é mais uma redução do Estado do que uma expansão. Fenômenos totalitários são produzidos pela subordinação do Estado ao partido. Eles devem-se, em outros termos, ao que ele chama de “governamentalidade de partido” (*Ibid*, p.264).

⁷⁹ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 57.

⁸⁰ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 87.

⁸¹ Para uma descrição dos dispositivos de segurança, ver as aulas de 18 e 25 de janeiro de 1978 do curso *Segurança, território, população* (FOUCAULT, *Op. cit.*, p. 39-116).

⁸² FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 89-90.

Neste ponto de nossa exposição, podemos delimitar com precisão a conceituação foucaultiana do liberalismo. Para o nosso autor não se trata, portanto, nem de uma ideologia, nem de uma teoria política, nem de uma doutrina econômica, mas de uma forma de racionalidade governamental que se define por ser autocrítica, veridiccional e securitária. Crítica, na medida em que procura colocar limites à ação de governar. Veridiccional, porque essa limitação não vem de fora, mas do dizer verdadeiro dos próprios mecanismos envolvidos na ação de governar. Securitária, porque as formas ou instâncias de verificação requerem uma liberdade cuja existência depende dos mecanismos de gestão de risco.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início, nos propusemos a responder a três perguntas sobre a relação de Foucault com o liberalismo: é apenas um rótulo para classificar seu pensamento? Devemos finalmente nos livrar da vulgata foucaultiana? Qual é o sentido de falar sobre o liberalismo foucaultiano?

À luz do rumo que tomaram suas pesquisas nos cursos de 1978 e 1979, não é exagero dizer que, a partir da elaboração das noções com as quais conceitua o liberalismo, Foucault reformula seu projeto intelectual por inteiro. A esse respeito, basta observar que o conceito de veridicção torna-se a linha geral de análise dos próximos cinco cursos no Collège de France e, em grande medida, do segundo, terceiro e quarto volumes de *História da sexualidade*. Nestes trabalhos, Foucault desenvolve a relação entre governo e dizer verdadeiro. Primeiro, retoma e amplia um tema do qual já tinha se ocupado em seu trabalho anterior, a prática da confissão.⁸³ A genealogia da confissão o levará àquilo que denomina a hermenêutica de si, ou seja, as formas pelas quais, na Antiguidade clássica, o sujeito se converteu em objeto para si mesmo. E, em segundo lugar, aborda a relação entre governo e veridicção por meio da análise de uma forma de veridicção que se opõe às anteriores, a *parresía* antiga, ou seja, a coragem e a liberdade de dizer a verdade⁸⁴.

Foucault também se vale do conceito de veridicção para recapitular seus trabalhos anteriores. De fato, o que ele quis fazer, de acordo com o que afirma retrospectivamente acerca de seu trabalho no artigo autobiográfico assinado com o pseudônimo Maurice Florence, é fazer uma história da “emergência dos jogos de verdade”⁸⁵ em que o sujeito é objeto de conhecimento para as ciências humanas e nos dispositivos de poder.

As análises da racionalidade governamental liberal e neoliberal também foram, para Foucault, a ocasião para corrigir sua concepção dos dispositivos de poder e para precisar sua autocompreensão historiográfica. Com relação aos dispositivos de poder, em *Segurança, território, população* ele observa que, ao contrário do que havia sustentado, o funcionamento do poder moderno e suas transformações não podem ser pensadas sem incluir a liberdade em seu interior⁸⁶. E quanto à sua posição na tradição crítica – apesar de ter argumentado, como vimos, que sua filosofia está situada na mesma vertente da Escola de Frankfurt –, em

⁸³ Assim, por exemplo, da perspectiva da veridicção, a prática da confissão é vista, precisamente, como um dispositivo de governo-veridicção mediante o “ato verbal pelo qual um sujeito realiza uma afirmação acerca do que é, coloca-se em um vínculo de dependência com relação aos outros e, ao mesmo tempo, modifica a relação que mantém consigo” (FOUCAULT, *Mal fazer, dizer verdadeiro*, p. 7).

⁸⁴ FOUCAULT, *A coragem da verdade*, p. 12.

⁸⁵ FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 1451.

⁸⁶ FOUCAULT, *Segurança, território, população*, p. 63.

Nascimento da biopolítica Foucault aponta que, se a tradição que vai do Romantismo à Escola de Frankfurt procura denunciar o que haveria de “continuamente opressivo sob a razão” ou “desmascarar a pretensão de poder que haveria em toda verdade”, sua crítica, por seu lado, busca “determinar em que condições e com quais efeitos se exerce uma veridicção”⁸⁷. Sua filosofia não busca, portanto, levar adiante o processo da razão no tribunal, como se fosse um todo relativamente homogêneo, mas analisar o que essas diferentes formas de racionalidade têm de próprio quando os jogos de verdade e os efeitos do poder são articulados. Por exemplo, aquelas que deram origem às experiências modernas de loucura, da doença, da delinquência, bem como a da sexualidade ou, mais amplamente, da subjetividade.

Resumindo e retomando as observações metodológicas do próprio Foucault no curso *Do governo dos vivos*, pode-se dizer que, a partir de seus cursos sobre o liberalismo, a problemática do governo pela verdade ocupará o lugar que tinha até então a do saber-poder.⁸⁸ Nesse deslocamento do saber-poder para o governo-veridicção, porém, não encontramos o pensador sísmico da imagem deleuziana acima mencionada, que tem sido uma das grades de leitura de suas obras. Nem tampouco se trata, no que diz respeito às formas de governamentalidade liberal, de um projeto político de natureza revolucionária ou reformista. Deste ponto de vista, a vulgata foucaultiana que acompanhou a recepção das obras de Foucault, particularmente no campo da língua espanhola, deve pelo menos ser revisada.

Retomemos agora a terceira pergunta: em que sentido podemos falar de um liberalismo foucaultiano com base no material publicado postumamente? Se tomarmos as três características que definem a racionalidade política liberal em Foucault, sua dimensão crítica, veridiccional e securitária, deve-se dizer, em primeiro lugar, que existem indubitavelmente pontos de contato que podem ser estabelecidos em razão do pertencimento comum à tradição crítica, da qual, como vimos, ele concebe tanto o liberalismo quanto sua própria autocompreensão historiográfica, e também por causa da concepção veridiccional de verdade. Em grande medida, estes pontos de contato confluem para aquilo que, em nossa opinião de forma adequada, Michael Behrent identificou como o núcleo anti-humanista comum de Foucault e das correntes do liberalismo, econômica e sociológica, em que está interessado.⁸⁹ Mas, para além destes pontos de contato e do fato de que o liberalismo pretende ser uma racionalidade veridiccional crítica do que Foucault descreve como o processo de pastoralização da política, o liberalismo, especialmente por sua dimensão securitária, é também uma forma de pastoralização da política, ou seja, de governo dada dos indivíduos e da população.⁹⁰ Neste sentido, Foucault precisa, em *Nascimento da biopolítica*, no momento de seu maior interesse pelo liberalismo, que a sua dimensão securitária é “o inverso e a própria condição do liberalismo”.⁹¹

Em relação a esta contradição interna, concordamos com Serge Audier (um dos especialistas que prestou mais atenção à relação entre liberalismo e crítica no pensamento

⁸⁷ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 49-50.

⁸⁸ FOUCAULT, *Do governo dos vivos*, p. 11-13.

⁸⁹ ZAMORA, *Critiquer Foucault*, p. 69

⁹⁰ Nesse sentido, Foucault afirma no início do curso de 1979 que não se pode entender a biopolítica sem compreender o regime geral da governamentalidade liberal (FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 30).

⁹¹ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 89.

foucaultiano), quando ele argumenta que é “difícil crer que ele [Foucault] trate esta corrente [o neoliberalismo] unicamente como um adversário a abater ou um fenômeno puramente maléfico”.⁹² Porém, discordamos quando afirma, com dissemos no início, que não encontramos em Foucault nenhuma crítica direta ao liberalismo.⁹³ Na observação sobre a contradição interna da governamentalidade liberal, não se trata simplesmente, como sugere a afirmação de Behrent, também mencionada acima, de que Foucault seja crítico do liberalismo por não considerá-lo suficientemente liberal. De fato, a arbitragem securitária da liberdade não é não-liberal, apenas o inverso do liberalismo, mas também sua condição de existência.

Por outro lado, sem que seja necessário determo-nos, já que este é um dos tópicos mais frequentes na literatura foucaultiana, as análises dos processos de normação disciplinar e de normalização biopolítica⁹⁴ são também críticas diretas às práticas governamentais das sociedades liberais. De fato, não se deve ignorar o fato de que, depois de sublinhar que a dimensão securitária é “o inverso e a própria condição do liberalismo”, Foucault observa que o contrapeso às liberdades liberais é uma “formidável extensão dos procedimentos de controle, de coação, de coerção”⁹⁵ e que “o panóptico é a própria fórmula de um governo liberal” (*loc. cit.*).

Em conclusão, os cursos sobre liberalismo e neoliberalismo, *Segurança, território, população* e *Nascimento da biopolítica*, constituem um momento mais do que relevante na jornada intelectual de Michel Foucault. Não é apenas um rótulo; eles deixaram sua marca no curso posterior do seu trabalho. Mas é também um momento de transição que se encerra com o seminário dedicado ao pensamento liberal no ano de 1980⁹⁶ não isento de críticas à governamentalidade liberal.

Na última etapa de seu pensamento, inaugurada em 1983 com as aulas iniciais do curso *O governo de si e dos outros*, dedicado, como assinalamos, à célebre resposta kantiana de 1784, Foucault retoma e explicita extensamente as noções de crítica e de veridicção. Mas não é mais uma questão de crítica como uma autolimitação da prática governamental, nem de veridicção como instrumento de governo, mas, em consonância com o imperativo que define a Modernidade para Kant, de crítica e de veridicção como coragem. O título de seu último curso, nesse sentido, é mais do que eloquente: *A coragem da verdade*. Não é de surpreender, portanto, que ele pudesse ter escrito, no artigo autobiográfico mencionado, que todo o seu projeto intelectual pertence à tradição filosófica inaugurada por Kant e que, em relação a essa herança kantiana, pode ser descrito como uma história crítica do pensamento.⁹⁷ Essa história crítica foi nutrida, sem dúvida, pela crítica liberal, mas não coincide com ela.

A NEOLIBERAL FOUCAULT?

⁹² AUDIER, *Penser le « néolibéralisme »*, p. 396.

⁹³ AUDIER, *Penser le « néolibéralisme »*, p. 387.

⁹⁴ [ndt.] Sobre a diferença entre esses dois processos, Cf. FOUCAULT, *Segurança, território, população*, p. 8-15.

⁹⁵ FOUCAULT, *Nascimento da biopolítica*, p. 91.

⁹⁶[ndt.] Trata-se de um seminário coordenado por Foucault e desenvolvido em paralelo ao curso. No ano de 1980, o seminário “foi consagrado a certos aspectos do pensamento liberal no século XIX”. Cf. FOUCAULT, *Do governo dos vivos*, p. 294).

⁹⁷FOUCAULT, *Dits et écrits*, v. 2, p. 1450.

Abstract: This article deals with Michel Foucault's 1978 and 1979 courses on liberalism and neoliberalism. It aspires to elucidate the historical circumstances, the conception of liberalism as critical political rationality and its projections in Foucault's subsequent research. Along the same lines, the article also makes some critical considerations about the reception of Foucault's ideas about liberal and neoliberal thought.

Keywords: Liberalism – political left – critic – veridiction – security.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

AUDIER, S. Penser le “néolibéralisme”: le moment néolibéral, Foucault et la crise du socialisme. Latresne: Le Bord de l'eau, 2015.

BENOIST, J. Après la fin de l'histoire: temps, monde, historicité. Paris: J. Vrin, 1998.

BURCHELL, G.; GORDON, C.; MILLER, P. The Foucault Effect: Studies in Governmentality. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

CHRISTOFFERSON, M. S.; Olivera, P. Les intellectuels contre la gauche: l'idéologie antitotalitaire en France, (1968-1981). Marseille: Agone, 2014.

CROZIER, M. On ne change pas la société par décret. Paris: Grasset, 1979.

DE LAGASNERIE, G. La dernière leçon de Michel Foucault: Sur le néolibéralisme, la théorie et la politique. Paris: Fayard, 2012.

_____. A última lição de Michel Foucault. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

DELEULE, D. Hume et l'naissance du libéralisme économique. Paris: Aubier Montaigne, 1979.

DELEUZE, G. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. Dois regimes de loucos: textos e entrevistas(1975-1995). São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. Michel Foucault: as formações históricas. Curso dado na Universidade Paris-8 (1985-1986). São Paulo: editora Filosófica Politeia e n-1 edições, 2018.

FLAMANT, M. Le libéralisme. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

FOUCAULT, M. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. Nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

_____. História da sexualidade vol. I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

- _____. Dits et écrits, 2 vols. Paris: Gallimard, 2001.
- _____. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- _____. Nascimento da biopolítica: curso no Collège de France(1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- _____. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro; São Paulo: Forense Universitária, 2008c.
- _____. O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. A coragem da verdade: curso no Collège de France(1983-1984). São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980). São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- _____. Œuvres, 2 vols. Paris: Gallimard,2015a.
- _____. Qu'est-ce que la critique? Suivi de la culture de soi. Paris: J. Vrin, 2015b.
- _____. Histoire de la sexualité vol. 4: les aveux de la chair. Paris: Gallimard, 2018a.
- _____. Mal fazer, dizer verdadeiro: curso em Louvain(1981).São Paulo: Martins Fontes, 2018b.
- GLUCKSMANN, A. La cuisinière et le mangeur d'hommes. Paris: Seuil, 1975.
- _____. Les maîtres penseurs. Paris: Grasset, 1977.
- KANT, I.; FOUCAULT, M. Anthropologie d'un point de vue pragmatique. Paris: J. Vrin, 2009.
- KRAVCHENKO, V. J'ai choisi la liberté!: la vie publique et privée d'un haut-fonctionnaire soviétique. Paris: Self, 1948.
- LEMKE, T. Foucault, governamentalidade e crítica. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017.
- ROSANVALLON, P. Le capitalisme utopique. Critique de l'idéologie économique. Paris: Seuil, 1979.
- ZAMORA, D. Critiquer Foucault. Les années 1980 et la tentation néolibérale. Saint-Gilles: Les Éditions Aden, 2014.